

NOTAS MUSICAIS

por EURICO TOMÁS DE LIMA

A-propósito dum concérto da «Société Philarmonique de Paris», no qual colaborou o célebre pianista Artur Rubinstein, o desassombrado crítico Michel-Léon Hirsch, no hebdomadário «Le Menestrel», fornece-nos uma pequena demonstração de como, para além dos Pirinéus, se interpreta o papel da Crítica, dizendo-se a verdade, mais nada que a verdade.

Escreve Hirsch: «... o Sr. Artur Rubinstein, tocou o *Concerto* de Chopin em *mi menor*, decepcionando alguns que esperavam ouvi-lo, como anunciava o cartaz, no *Concerto em fá*.

Decepção depressa esvaecida, a julgar pelas aclamações estranhas com que foi saudada a espectacular execução duma das obras menos «Chopin» de Chopin.

O público adora o Sr. Artur Rubinstein, está no seu direito; mas se êle tivesse, no momento do «extra», escutado a *Pollaca em lá bemol* que o pianista levou numa velocidade de cavalo desenfreado, suprimindo as faltas de memória por trémolos e desfigurando por passagens impertinentes a inspiração da obra, no lugar de escutar o Sr. Rubinstein...

O Sr. Rubinstein é um homem feliz.»

O crítico Michel-Léon Hirsch, segundo o nosso juízo, a escrever sempre desta forma, deve ter numerosos *amigos*...

«O carro que nos nos conduz mais rapidamente à celebridade é o carro funerário.»—BERLIOZ.

O genial compositor francês, quando escreveu esta irónica e sentenciosa frase, ainda tinha ilusões...

Se vivesse nos nossos dias, certamente não teria dito o mesmo, a julgar pelo seguinte telegrama da «Havas», publicado em «O Primeiro de Janeiro» de 20 do pretérito mês:

«Berlim, 19—Qualquer música estrangeira será d'oravamte submetida à «Câmara de Música do Reich», cujo presidente declara que esta medida tem por fim combater a influência perniciosa que uma música indesejável exerceria no povo alemão.»

A «Casa de Beethoven», em Bonn, viu o número dos seus visitantes elevar-se de 10.316 em 1933, a 27.443 em 1936.

Todos aquêles que vão em fervorosa peregrinação à pequena cidade natal do maior Músico da humanidade e também do mais infeliz, encontram na casa-museu os pianos que outrora foram dedilhados pelo compositor, os bustos, os quadros, os manuscritos das obras, as cornetas acústicas, inventadas propositadamente por Maëzel para o surdo subhme, os instrumentos de corda, enfim, tôdas as preciosas relíquias beethovenianas.

¿ Mas que emoção dolorosa não sentirá o visitante, sobretudo se fôr artista, ao penetrar na humilíssima mansarda que se ergue a uma altura não superior a dois metros, e onde veio ao Mundo o autor da «Nona Sinfonia»?!

Cultura e Técnica

(Continuação da página três)

dominar as paixões sem lhes reconhecer as verdadeiras causas; e compreendendo que o animal se enfurecia com o terror da própria sombra, fez-lhe voltar o nariz para o sol, transformando-o assim em rocinante pacífico e cordato.

A nossa civilização, entre os queixumes dos desiludidos e as fúrias dos tresloucados, lembra muito o Bucéfalo e a sombra.

Voltemos-lhe o nariz para o sol. O espectro não é tão assustador como o imaginam aqueles impotentes para vencer o mal, por não saberem ou não quererem descortinar os motivos autênticos da sua inquietação estranha.

PANORAMA LITERÁRIO

ARTUR TOJAL, em estreia, fez sair um livrinho de versos a que deu o título de «*Rua Sem Sol*» e cuja publicação justifica dêste modo: «Eu não tinha o direito de vir aumentar a já infelizmente vasta galeria dos poetas nacionais mas quem, por dever de profissão, escreve para o público, não pode esquivar-se ao desejo de lançar à publicidade um livro, confiando aos arquivos das Bibliotecas, algo que seja rasto da nossa passagem na Terra.»

Esperamos que os próximos trabalhos de Artur Tojal, prometidos para breve, marquem o início de uma obra construtiva e útil, de interesse para o público, sem que à factura dêles presida apenas um intuito da natureza do apontado.

É facto comprovado que, na generalidade, os jôvens que no campo literário vão fazendo as suas tentativas e ensaiando os primeiros passos tem demasiada pressa em publicar um livro—o *primeiro livro*.

Se isso, por um lado, é justificável, tem, por outro, muitos inconvenientes. Assim, quasi sempre, a procura no mercado é nula e o novo autor, ante a indiferença do público e a perda financeira, desanima e muda o rumo das suas actividades. Mas se, por possuir vontade forte e entusiasmo invulgar, o jôvem persevera e chega a tomar o seu lugar entre os valores positivos das nossas letras o *primeiro ou primeiros livros* quebram quasi sempre o equilibrio de obra. Um exemplo flagrante é Ferreira de Castro, hoje considerado como um dos nossos melhores escritores.

Já Aquilino é um caso esporádico, uma excepção a esta regra, facilmente verificável. O *Jardim das Tormentas*, o seu primeiro livro, pode ser colocado entre as suas melhores obras.

A revista *Fábula*, que se publica em La Plata, Argentina, insere, por vezes, em suplemento uns caderninhos de poesias—*Recados de Fábula*—que revelam o bom gosto e desinteresse dos mentores de *Fábula-cuadernos de literatura y arte*. A brochura que saiu com o n.º 7, uma «cantata» da autoria da poetisa Esther de Caceres, intitula-se *Cruz y Extasis De La Pasion* que, em forma modernista, encerra uma beleza arrebatadora e um poder emocional próprios dos poetas de «verdade».

SÁIU a 2.ª edição do livro de versos — «*Aquarelas*». Deve, pois, A. Vicente Campinas, o autor, sentir-se satisfeito e recompensado de tanto esforço e carinho gastos a escrever o seu livro—um cântico á vida humilde.

Esta segunda edição que, como a primeira, é da Livraria Horácio Salvador—Faro—, insere uma espécie de prefácio de Maria Raquel, em que esta talentosa e jôvem escritora faz considerações críticas e oportunas sobre arte dirigida.

A «Seara Nova» editou dois volumes, um da colecção «Textos Literários», e o outro dos seus «Cadernos». O primeiro é constituído por um sermão do padre António Vieira, prêgado em Roma, sobre a paz. Na idade revôlta que atravessamos, num ambiente bélico sem igual, em que quasi se ouve troar o canhão na vizinha e mártir Espanha e os jornais nos dão conta, diariamente, dos milhares de vidas que lá e na China a morte ceifa, num momento em que tudo são preparativos de guerra e ideias de morte, êste pequeno livrinho do padre António Vieira adquire uma flagrante actualidade. Se, ao prêgar êste sermão pacifista, o autor visava principalmente as comunidades religiosas do seu tempo, o facto é que, como diz António Sérgio no prefácio, a sua doutrina se aplica também à sociedade actual, sendo portanto proveitosa e útil a sua leitura.

O outro volume—*Introdução actual ao programa cooperativista*—é da autoria de António Sérgio, que estuda nêle aspectos do problema económico da nosso tempo.